

O PROCESSO DE (DES)EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE PORTO NACIONAL

Munique Daniela Maia de Oliveira*
Temis Gomes Parente**

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo acerca das mulheres da Associação dos Artesãos de Porto Nacional e tem como objetivo analisar o processo de (des) empoderamento dessas mulheres no espaço do empreendimento. Essa associação acolhe parte dos artesãos/as da região e é majoritariamente composta por mulheres que buscam nas atividades do empreendimento uma possibilidade de melhorar sua situação social e econômica. Nesse sentido, discute-se o empoderamento numa perspectiva de gênero, o que permite adentrar a realidade das mulheres envolvidas desde a produção até a gestão do empreendimento, de forma a observar a contribuição desse empreendimento em suas vidas. A partir de suas narrativas foi possível identificar, na trajetória dessas mulheres, fatores capazes de impulsionar e/ou inibir o seu empoderamento. Por meio de suas falas, percebeu-se que as mulheres que compõem a Associação dos Artesãos de Porto Nacional, apesar de todas as dificuldades enfrentadas para manterem-se atuantes, vêm experienciando as idas e vindas de um processo de empoderamento.

Palavras-chave: Mulheres. Gênero. Empoderamento. Economia Solidária. Associação.

Abstract

This article presents a study about the women of the Association of Artisans of Porto Nacional and aims to analyze the process of (des) empowerment of these women in the space of the enterprise. This association welcomes part of the artisans of the region and is mostly composed of women who seek in the activities of the enterprise a possibility of improving their social and economic situation. In this sense, it is discussed the empowerment from a gender perspective, which allows to enter the reality of the women involved from the production to the management of the enterprise, in order to observe the contribution of this enterprise in their lives. From their narratives, it was possible to identify, in the trajectory of these women, factors capable of boosting and / or inhibiting their empowerment. Through her speeches, it was noticed that the women who make up the Association of Craftsmen of Porto Nacional, despite all the difficulties faced to keep themselves active, have been experiencing the comings and goings of an empowerment process.

Keywords: Women, gender, empowerment, solidarity economy. Association.

* Mestre em Desenvolvimento Regional – Universidade Federal do Tocantins.

** Professora Doutora da Universidade Federal do Tocantins.

INTRODUÇÃO

Para compreender as relações sociais de gênero, em especial, o processo de empoderamento das mulheres na Associação dos Artesãos de Porto Nacional, situado no município de Porto Nacional, região central do Tocantins, torna-se necessário trazer a definição de Empreendimentos Econômicos Solidários – EES, uma vez que nesses espaços busca-se exercitar a igualdade entre homens e mulheres. E que em conformidade com o FBES (2008, p. 55), esses EES são organizações de gestão coletiva que devem respeitar os recortes de gênero e valorizar o compartilhamento entre homens e mulheres, devendo existir assim capacidade de escolha e a igualdade entre indivíduos com a mesma capacidade de exercer poder e autoridade.

Segundo Matos (2009, p. 65) gênero é a leitura social que estabelece significações para as diferenças de sexo percebidas historicamente, as quais podem ser observadas na divisão sexual do trabalho, nas relações de poder, na esfera doméstica, na produção e reprodução, sendo portanto uma categoria de análise histórica, constitutiva das relações sociais.

Daller (2010, p. 8) expõe que nesse período de transformações sociais, culturais e econômicas referentes às questões e perspectivas de gênero, a participação das mulheres e sua inserção ao mercado de trabalho, a busca pela igualdade nos espaços de poder e na tomada de decisão são fatores determinantes para o empoderamento das mulheres.

Segundo Deere e León (2002, p. 53), o empoderamento deve ser visto como um alicerce capaz de proporcionar visões alternativas às mulheres, e estas visões se tornarão realidades, na medida em que as relações sociais mudarem. E para que se obtenha a igualdade entre homens e mulheres, é necessário uma mudança no acesso das mulheres aos bens e ao poder, o que depende de um processo de empoderamento destas, uma vez que este é transformador das relações de gênero, tornando-o assim, preconditionante à igualdade de gênero.

E é dessa forma que a Economia Solidária tende a atuar, observando a situação das mulheres não apenas por meio do desempenho de seus papéis, mas também pela interação desses, e é nessa conformação que se busca refletir as experiências vividas por essas

mulheres, bem como analisar os papéis que estas desempenham no cotidiano da Associação, pois conforme Parente (2007, p. 105) o aprendizado com os papéis conduz ao conhecimento e à internalização de modelos daquilo que pode ser considerado adequado, ou não, para o homem ou para a mulher de determinada sociedade, o que certamente leva a verificar se a forma de participação estabelecida propicia ou não o seu empoderamento.

Utilizou-se a História Oral com o intuito de identificar alguns fatores capazes de inibir e/ou impulsionar o empoderamento das mulheres na Associação dos Artesãos, pois na medida em que possibilita abrir um diálogo entre o pesquisador e os atores sociais envolvidos, a História Oral permite algumas reflexões sobre o fenômeno estudado, nas quais o pesquisador sozinho jamais pensaria. É importante que esse processo seja orientado por um roteiro prévio, com vistas a facilitar e ampliar o diálogo, bem como abrir espaços para as descobertas entre os atores sociais (pesquisador/pesquisados), pois

a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p. 44)

É nessa perspectiva que a história oral é importante para este trabalho, uma vez que permite trazer a vivência das mulheres que fazem parte da Economia Solidária, bem como compreender a importância dessa participação para o seu empoderamento.

Nesse sentido, torna-se necessário perceber nessas mulheres, estratégias capazes de trazer à tona suas experiências pessoais e subjetivas, para que assim elas possam refletir acerca de sua participação dentro do empreendimento, o que pode vir a ser a possibilidade da construção de uma nova história.

No momento, a procura dessas mulheres é ainda por um espaço nos EES, com vistas a obter sua permanência. E é nesse sentido, que se buscou observar junto a elas a presença de fatores inibidores ou impulsionadores, conforme Martelo (2003): os impulsionadores são a renda suficiente; participação em redes sociais; acesso ao conhecimento formal; acesso às informações; confiança e autoestima e; desenvolvimento de habilidades e lideranças. Já os inibidores são as responsabilidades domésticas, opressão, dependência econômica, falta de apoio, falta de capacitação e melhor participação. Esses fatores podem propiciar ou não o empoderamento dessas mulheres, fatores esses que são descritos no decorrer do trabalho.

A Associação dos Artesãos de Porto Nacional (EES urbano), mesmo diante de fatores dificultadores internos e externos ao empreendimento, tem conseguido manter-se no exercício de suas atividades autogestionárias e econômicas. Para França Filho (2001, p.247), essas experiências associativas parecem compor uma primeira característica essencial que marca a economia solidária, por alcançarem um contexto próprio de experiências das novas formas de solidariedade.

Por meio da narrativa de trabalhadoras da associação buscou-se compreender as percepções acerca do valor de suas atividades e papéis, do sentimento de pertencimento, bem como das relações estabelecidas entre as atividades produtiva e doméstica. O olhar de cada mulher entrevistada, o relato de suas histórias permite identificar dentro do empreendimento, fatores que são capazes de impulsionar (atuação em rede, participação), e/ou inibir (afazeres domésticos, a falta de apoio) o empoderamento dessas mulheres.

Buscou-se verificar ainda, se essas mulheres têm vivido ou não um processo de empoderamento na sua história, seja dentro ou fora do empreendimento, observando elementos que tracem um paralelo em suas vidas trazendo o antes e o depois da sua atuação no empreendimento e ponderando alguns de seus aspectos pessoais. E nesse sentido, segundo Lang (1996, p. 34), a história oral vem trazer por meio do relato do seu/a narrador/a a vida através do tempo, pois “os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal”,

cabendo ao pesquisador desvendar as relações que se estabelecem na vida do narrador/a.

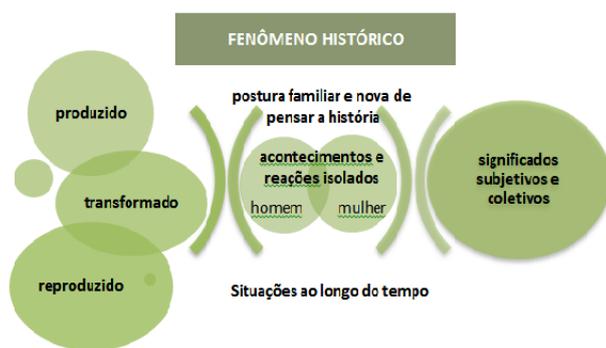
Nessa perspectiva tentou-se reconstituir o caminho de seis mulheres artesãs associadas, que não exercem cargos dentro do empreendimento e outras ocupantes de cargos, com o intuito de perceber os fatores inibidores e impulsionadores presentes na vida de cada uma e nas relações presentes. A partir do desenvolvimento e envolvimento com as atividades diárias no EES, essas mulheres têm buscado construir uma nova perspectiva para a sua vida pessoal e econômica, por se encontrarem pertencentes não somente a uma atividade geradora de renda, mas principalmente portadora de significados.

1 REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO

A perspectiva de gênero discutida neste trabalho concebe a relação em um contexto social e cultural, e essa categoria permite conhecer a forma de organização e valorização destes relacionamentos, que segundo Scott (1995, p. 86), é um elemento constitutivo de relações sociais que se funda nas diferenças apreendidas entre os sexos e também uma forma elementar de significar as relações de poder, onde as mudanças sociais continuamente correspondem às mudanças nas representações do poder. Ainda de acordo com a autora

Gênero fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os (as) historiadores (as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 1995 p.89).

A figura abaixo é fundamentada na discussão de Scott (1995, p. 19) e aponta a importância de se compreender gênero como um fenômeno histórico, capaz de ser produzido, reproduzido e transformado em diversas situações no decorrer do tempo, como fatos interligados e não isolados do homem ou da mulher, os quais foram construídos com significados subjetivos e coletivos de categorias de identidades.



Segundo Faria (2008, p. 2), na medida em que se considera o homem como representante dos interesses da família e com poder de decisão, tem-se as relações patriarcais, fundadas numa estrutura hierarquizada, de gênero e geração, centrada no poder dos homens sobre as mulheres e filhos/as, as quais se apoiam em uma visão da economia e do trabalho limitados ao mercado, existindo assim, uma redução do econômico na esfera produtiva, a qual é tida como espaço masculino. Ainda segundo o autor, essa visão é amparada no discurso em “que as mulheres são destinadas à esfera privada, como parte de um destino biológico vinculado à maternidade”, o que vem corroborar o não reconhecimento da produção doméstica e do papel econômico do trabalho das mulheres na família dentro da família. Essa ideia de manter as mulheres no exercício do papel na esfera privada (doméstica) e do homem na esfera pública (produtiva) tem produzido e aprofundado ao longo da história situações de desigualdade nas relações de gênero, além de tornar invisível a contribuição das mulheres no processo de desenvolvimento.

Com o intuito de transpor essas posições de disparidade, Schneider (2010, p. 19) aponta que a economia solidária tende a superar as fronteiras existentes entre privado-doméstico e público, por ser o EES um espaço intermediário, sendo o trabalho econômico solidário capaz de gerar mais perspectivas que no mercado de trabalho capitalista, visto que este prossegue com uma crescente precarização do trabalho. A autora aborda ainda que por meio dessa economia, as mulheres mostram sua capacidade de expor as ideias, combater os preconceitos de gênero que lhes são direcionados e também reivindicar seus direitos, sendo um dos fatores importantes capaz de ocasionar um processo de empoderamento dessas mulheres na esfera da ES.

Segundo Deere e León (2002, p. 45-47), nas relações de gênero deve-se buscar a “igualdade entre”, por se apresentar de maneira recíproca e se constituir horizontalmente entre indivíduos do mesmo nível, diferentemente da “igualdade para” que adota um sentido único e sugere hierarquias ou relações verticais. Torna-se importante destacar, que uma condição prévia para a existência de uma “igualdade entre” é o processo de empoderamento, uma vez que esse pode propiciar uma igualdade com resultados concretos, que vai além da igualdade formal (direitos).

Nesse sentido, é importante destacar que a busca pelo empoderamento das mulheres é essencial para que haja igualdade de gênero, e nesse aspecto apresentam-se alguns fatores internos e externos, que podem inibir ou impulsionar o empoderamento dessas, os quais são descritos no quadro abaixo:

Quadro 1: Fatores inibidores e impulsionadores do empoderamento das mulheres

FATORES INIBIDORES	FATORES IMPULSIONADORES
Responsabilidades domésticas	Poupança suficiente e renda
Opressão	Redes de relações sociais
Dependência econômica	Desenvolvimento do conhecimento
Falta de apoio	Informação
Falta de formação	Confiança e autoestima
Falta de uma participação maior	Reforço das competências
	Desenvolvimento de liderança

Fonte: Tradução e adaptação fundamentada no trabalho *Microfinanciamiento y empoderamiento* (MARTELO, 2003).

Ao comparar o quadro acima e a atuação das mulheres nos EES, verifica-se que essas mulheres encontram-se dentro de um processo de transformação; no decorrer de sua trajetória têm encontrado estímulos (por meio de reuniões, encontros, feiras de comercialização), e que mesmo não acontecendo com muita frequência, esses momentos possibilitam melhorar suas habilidades, pois na medida em que observam os trabalhos desenvolvidos pelas companheiras, trocam experiências umas com as outras.

Este é um processo que compreende duas dimensões, a individual e a social: na individual, existe uma relação direta com a competência, habilidade, autoestima, bem como a confiança em si mesma como ser humano, pois nas ocasiões em que estão juntas, essas mulheres compartilham suas vidas, suas histórias, e a força

transmitida pela sócia-amiga-companheira acaba contribuindo com o fortalecimento de sua autoestima e confiança. Já na dimensão coletiva, as atividades desenvolvidas e/ou vistas no âmbito da gestão do empreendimento, faz com que essas mulheres desenvolvam-se em um contexto mais social e comunitário, pois na medida em que o contato com o público acontece, sua visão acerca do grupo é ampliada e o papel de liderança passa a ser exercitado, o que na esfera doméstica não ocorre.

De acordo com Oliveira (2008, p. 327) a ES surge como um instrumento capaz de fortalecer a organização social e a solidariedade, gerar capacitação, trabalho e renda, bem como contribuir para a promoção da cidadania e inclusão social, principalmente para as mulheres. E, por ser essencialmente autogestionário, é capaz de proporcionar o exercício da participação e da convivência, além de construir novas relações entre as pessoas, assim como, tornar-se um campo propício para gerar frutos na luta pelo reconhecimento social.

2 O PROCESSO DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE PORTO NACIONAL: FATORES INIBIDORES E IMPULSIONADORES

A associação dos Artesãos de Porto Nacional tem sede própria, situada à Av. Ibanês Aires s/n, no município de Porto Nacional, foi criada em 1979, na época norte de Goiás, demandada por um grande número de artesãos, tendo hoje 34 anos de existência. É uma associação civil sem fins lucrativos, autônoma, CNPJ próprio e apartidária. Encontra-se localizada na região urbana de Porto Nacional, tendo como associados/as, uma média de 50 mulheres e 30 homens, destes, uma minoria tem atuação direta no empreendimento.

A história de Porto Nacional, antigo arraial de Porto Real, tem sua origem no Arraial de Pontal do Carmo, dois núcleos ricos em minas de ouro, Bom Jesus do Pontal, situado à esquerda do rio Tocantins e Nossa Senhora do Carmo, à sua direita. Segundo Oliveira (2010, p.20-21). Cidade do norte de Goiás, Porto Nacional era inicialmente, um lugar de arrimo às margens do Rio Tocantins e que ao final do século XVIII foi auferindo relevância como porto de

escoamento do ouro e mercadorias para Belém do Pará. Muitos foram os fatos que marcaram o desenvolvimento de Porto, como êxodo da população do Pontal (1805) para as margens do rio Tocantins, depois de um conflito com os índios Xavante, que quase dissipou toda a comunidade, a transferência do Julgado de Carmo para Porto Real (1806). Nesse período, Pontal e Carmo davam sinais de decadência em função da queda na extração do ouro.

A autora ressalta ainda que de Porto Nacional partiram importantes decisões políticas, entre elas, as primeiras ideias para divisão do Estado; é berço da separação do norte de Goiás, da libertação do Tocantins, já em 13 de maio de 1956 foi realizada uma caminhada pró-tocantins, com a liderança de Feliciano Machado Braga.

Sendo a quinta maior cidade do Estado, durante décadas sua economia foi baseada na agropecuária, mas sempre tendo expressão na força do comércio, o município está localizado na região central, a 52km de Palmas, capital do Estado, tendo uma área total de 4.450 km² e uma população estimada em 49.012 habitantes, segundo CENSO 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,2010).

No contexto da ES, Porto Nacional compõe o Fórum Regional de Economia Solidária Centro-Sul do Estado, o qual foi criado no ano de 2008 e onde participa efetivamente das discussões do FEES/TO, sendo assim uma referência nos debates, projetos e políticas realizados dentro e fora do Fórum.

Desde então, representantes da ES de Porto Nacional, sejam ligados aos EES ou às Entidades de Assessoria e Fomento¹ têm buscado desenvolver nas cidades que compõem o fórum regional, bem como no Estado, atividades de formação e encontros para debater a importância desse instrumento de apoio à ES.

¹ As entidades de Assessoria, segundo FBES, desenvolvem efetivamente ações de apoio aos empreendimentos, por meio de capacitação, assessoria, incubação, pesquisa, acompanhamento, fomento a crédito, assistência técnica e organizativa. Participam regularmente das atividades do Fórum, e não de forma eventual, pontual ou corporativa. (FBES 2008, p.44)

No município de Porto Nacional, segundo dados do mapeamento 2010-2011², tem-se um total de 18 empreendimentos econômicos solidários, sendo 8 EES com atuação no meio rural, 8 EES urbanos e 01 EES rural e urbano.

Segundo Souza (2012, p. 9), no setor de articulação popular da Comsaúde³ foi estruturado o programa da Associação dos Artesãos e Artífices – ASSOCIARA, onde a equipe da entidade identificou o artesanato existente na região de Porto Nacional como uma manifestação de alto valor histórico e cultural. A autora relata que a associação,

No auge do seu funcionamento chegou a ter quase duzentos associados. Nessa época, a produção artesanal era vendida em várias capitais do país e no exterior, ainda quando Porto Nacional fazia parte do norte goiano. A associação representava o artesanato de Goiás em diversos eventos nacionais e internacionais. (SOUZA, 2012, p.12).

Verifica-se que atualmente o empreendimento tem enfrentado dificuldades para a sua sustentabilidade, necessitando assim de recursos externos para contribuir com o seu desenvolvimento. Mesmo frente às diversas situações, o EES continua desenvolvendo suas atividades, desde a produção à comercialização.

Os principais artefatos produzidos pela associação são brincos, cerâmica, tapete e rede de tecelagem, artesanato em madeira, bordados, crochê, instrumentos percussivos, trabalhos em resina, os quais são vendidos em um espaço próprio de comercialização, como também em feiras livres e/ou eventuais/especiais, diretamente ao consumidor final e também atacadistas.

No que tange à gestão, os/as sócios/as buscam reunir-se mensalmente por meio de assembleias ou outro tipo de reunião coletiva, a fim de definirem questões relacionadas ao empreendimento, como viabilização de projetos, dentre outros. A escolha da coordenação, bem como o regimento, plano de trabalho e prestação de contas do empreendimento são definidos nesses momentos. Existem mais de 80 artesãos/ãs associados/as, porém, poucos os que atuam, ficando assim para uma minoria a participação dos processos vividos diariamente no empreendimento.

² Mapeamento dos EES no Estado do Tocantins, realizado pela UNITINS, por meio do Convênio TEM/SENAES nº 07/2009. (TOCANTINS, 2009, 25 p.)

³ Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação, entidade sem fins lucrativos, fundada em 1969. (SOUZA, 2012, p. 8)

Quanto aos resultados econômicos do empreendimento, este tem conseguido pagar suas contas, não restando nenhuma sobra para investimento. No que tange aos/as associados/as, o empreendimento tem contribuído como uma fonte complementar da renda destes, não podendo ser considerado como um rendimento certo, como pôde ser verificado na fala da artesã e presidente Brenda, ao dizer “Não dá mais pra gente depender da saída, da venda do artesanato, se a gente fosse depender disso, tava todo mundo aí, passando mal mesmo, passando fome, sem pagar conta.” Ainda nesse sentido, a artesã Dona Pedrina, trouxe outra questão que age como um fator impeditivo para a venda de produtos, que é a formação do lago⁴, onde relatou que

*Se fosse em um local divulgado, eu acho que a gente teria mais resultado. E depois do lago, ainda ficou pior sabe, porque antes a gente tinha turista, a gente tinha muita gente, que vinha pra praia, depois disso foi ficando mesmo... A gente não faz negócio confiando nesse trabalho, eu pelo menos não faço.*⁵

E nesse sentido, abre-se aqui um parêntese, baseado no que foi descrito por Parente,

As mudanças que se processaram nas margens de toda a extensão na qual o lago foi formado impuseram novas exigências, como a redefinição de um novo modo de vida [...] a construção da usina e a conseqüente formação do lago acarretariam custos sociais, econômicos e culturais à população atingida. (PARENTE, 2007, p.103)

Verifica-se que a formação do lago trouxe dificuldades para a vida desses/as artesãos/ãs, na medida em que deixaram de receber turistas na cidade, as vendas dos produtos foram diminuindo, até chegar ao ponto de não poderem mais confiar na comercialização desses. O aspecto econômico é um fator que obstrui o desenvolvimento do empreendimento, devendo ser observado em conjunto as outras características da ES, de forma a obter sempre um equilíbrio para os EES.

⁴Resultado da construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães (UHE Luís Eduardo Magalhães), foi construída por um consórcio de várias empresas no município de Miracema e Lajeado, a 120 km de Porto Nacional. Considerada um dos projetos hidrelétricos mais arrojados do país, a usina foi construída em um período de apenas 39 meses, tornando-se um marco para o setor, sendo o maior empreendimento de geração de energia realizado pela iniciativa privada no Brasil, cuja área de reservatório ocupa 630 quilômetros quadrados.

⁵ Pedrina dos Santos – Artesã-associada. Entrevista realizada por Munique Daniela Maia de Oliveira, no dia 12 de abril de 2013, na Associação dos Artesãos.

Na dimensão sociopolítica e ambiental, a Associação dos Artesãos de Porto Nacional tem participado ativamente das discussões promovidas pelo Fórum de Economia Solidária da Região Centro-Sul, além de promover ações/eventos que valorizem o/a trabalhador/a artesão/as, bem como manifestar um comprometimento com questões ambientais, o que pode ser observado na produção do artesanato ou na prestação de serviços.

Como já foi dito, as mulheres são a maioria no empreendimento, sendo elas mães, esposas, idosas, donas de casa, responsáveis tanto pelas atividades domésticas (desde cozinhar, lavar, passar), como no abastecimento e na manutenção das contas de suas casas.

E é diante dessa perspectiva, considerando os aspectos estabelecidos entre privado/doméstico e o público, que se analisou se os fatores inibidores e impulsionadores presentes na Associação dos Artesãos de Porto Nacional proporcionam ou não o empoderamento dessas mulheres.

2.1 A participação das mulheres no EES

A globalização é um processo que promove o crescimento, mas segundo Oliveira (2008, p. 325) esse crescimento não é acompanhado da geração de empregos e esse processo conduz a uma desigualdade, que dá destaque a altos índices de pobreza, afetando, sobretudo as mulheres, as quais são as primeiras vítimas do desemprego e da precarização das relações de trabalho.

Nesse sentido, a ES pode ser uma oportunidade efetiva para romper com esse fato, pois segundo a autora, constantemente, as mulheres são as primeiras a se mobilizarem e a se auto-organizarem. Ela ressalta ainda, que muitos dos EES têm características adequadas à realidade das mulheres, visto que essas, em sua maioria, necessitam adaptar sua vida profissional à vida doméstica, o que pode ser visto como uma resposta às necessidades cotidianas, além de proporcionar o empoderamento dessas mulheres, ou pelo menos o início desse processo.

A partir das entrevistas, buscou-se construir a trajetória de algumas dessas mulheres artesãs e associadas, e por

meio da análise dos seus depoimentos, tentou-se identificar alguns fatores impulsionadores e inibidores do seu empoderamento.

É nessa perspectiva de construção, que a história oral contribui com esse trabalho, pois segundo Parente (2007, p.106-107) é por meio dela que se permite refutar verdades históricas tidas como absolutas e aceitas, ou então reconsiderá-las de modo a transformá-las em histórias mais complexas, secundadas na compreensão das memórias populares, quanto à sua criação e reprodução, bem como a sua influência ou não, nos indivíduos e na sociedade. A autora traz ainda que, na medida em que a história oral singulariza a investigação dos/as excluídos/as e das minorias, ela eleva o valor de memórias submersas.

Neste contexto a história oral vai desvendar o universo da Associação dos Artesãos de Porto Nacional, por meio da narrativa das mulheres que estão no dia-a-dia desse empreendimento, possibilitando assim conhecer as realidades experienciadas por cada uma, por meio dos depoimentos gravados, transcritos e, ao final, analisados.

Na busca de trabalhar com a história oral dessas mulheres, optou-se pela história de vida, que segundo Parente, “é um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudanças, os momentos de transformação”, e é com esse sentimento de mudança e de transformação, que tenta-se retratar as histórias contadas de suas vidas dentro e fora dos espaços da ES, trazendo à tona todas as suas memórias, visto que

(...) a memória nunca é uma reprodução exata dos acontecimentos do passado, mas, sim, um complicado e contraditório conjunto de representações, um modo de seleção do passado, uma construção intelectual, e não um fluxo externo ao pensamento. Essa seleção do passado pela memória deve ser entendida, também, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (PARENTE, 2007, p.107)

Assim como as mulheres citadas pela autora, as mulheres da associação trazem em suas memórias algumas tenuidades, que tomam outras proporções, a depender do momento que são externadas.

Para a construção da trajetória dessas mulheres, foram observados alguns aspectos, como o início de suas atividades; a participação nas atividades no empreendimento; as atividades domésticas; a produção

do artesanato e a renda, enfim, aspectos considerados essenciais para a sua história.

2.2 Fatores inibidores e impulsionadores ao empoderamento das mulheres

No processo de empoderamento dessas mulheres, alguns fatores se fazem presentes no cotidiano do empreendimento, muitas vezes impulsionando e outras tantas inibindo o seu processo de empoderamento.

Ao observar a vida dessas mulheres percebe-se que assim que elas começaram a participar das atividades (relacionar-se, compartilhar situações, presenciar a cooperação e a autogestão), iniciou-se um novo tempo, propício ao acúmulo de fatores impulsionadores, como o acesso à informação, as relações em rede, o aumento de suas habilidades, de sua autoestima, enfim, fatores esses que permitiram iniciar o seu processo de empoderamento.

Fazer parte de uma nova rede de relacionamento, conhecer outras pessoas com histórias diferentes e, muitas vezes parecidas, contribuiu com a saída dessas mulheres do ambiente doméstico, dos cuidados com o lar, possibilitando-lhes a descoberta de uma nova realidade.

A atuação no EE permitiu a essas mulheres compatibilizar seus afazeres domésticos com as atividades da associação, trocar experiências, dividir o espaço do empreendimento com os homens, tornarem-se responsáveis por várias funções.

Essa participação operou como um elemento essencial ao processo de empoderamento dessas mulheres, na medida em que a rotina doméstica deixou de ser sua única rotina, passando a dividir o tempo com as atividades da associação, “Então, a gente **comprime a rotina**. Levanta cedo, amassa e ferro, empurra e puxa pra poder conseguir né. Então, a gente corre aqui cedinho, resolve e volta pra lá”, conforme pode ser observado na fala de D. Maria Auxiliadora.

Percebe-se, que a partir da sua participação, essas mulheres iniciam um processo de rompimento com a esfera doméstica, mesmo de forma bem discreta, pois no empreendimento, começam a viver situações diferentes das vividas em casa. Portanto, na medida em

que ocupam cargos, conhecem outros lugares, e também apreendem novos conhecimentos, essas mulheres sentem-se pertencentes ao EES, pois se vêem como responsáveis pelo andamento, pelo pulsar do empreendimento.

É importante ressaltar que essas mulheres enfrentam também a reprodução da desigualdade nas relações de gênero, na medida em que passam a ocupar lugares de destaque dentro do empreendimento, é o que se observa no relato de Brenda Tais, artesã e Presidente da Associação:

A gente percebe que em relação a isso né, eu por ser uma representante jovem e mulheres, incomoda um pouco os homens mais velhos... Eles se incomodam um pouco assim de ter que, meio que... Não podem falar algo sem antes passar por mim, né. Isso gera um incômodo sim, em relação a isso. Pôxa, por eu ser mais jovem, por eu tá ali sendo mulheres né. No decorrer do tempo, a gente, participou, teve algumas dificuldades, assim, na organização, inclusive com homens mesmo, de sentir assim, que talvez eu não tivesse que ocupar aquele espaço.

Então, elas [as artesãs] tem uma sabedoria grande, elas carregam uma experiência de vida, que eu posso dizer artística mesmo, bem interessante. Elas somam muito comigo assim, eu tô na gestão, mas eu não tô sozinha. Elas dão essa força assim, mesmo vendo, ah, a Brenda é uma menina, tipo, quase uma muleca, mas a gente tá dando crédito, tá dando força, então, eu não me sinto desamparada, sabe... Eu vejo todas elas muito... Querendo ver mesmo a coisa dando certo... Elas já têm mesmo um poder de chegar, não, a gente quer isso, a gente vai trabalhar pra isso, e vamos nos unir por isso, com todas as nossas diferenças, a gente vai se unir e vê o que que acontece depois daquilo. E com todas as suas dificuldades, estão dispostas a trabalhar juntas pra ver o empreendimento dando certo.⁶

Verifica-se também, que essas mulheres solidarizam-se, unem-se em bloco, atuam em rede, comprometem-se com o empreendimento e umas com as outras, o que possibilita minimizar as desigualdades contidas nas relações de gênero, e assim permite que elementos impulsionadores do empoderamento estejam mais presentes no seu cotidiano. Ainda nesse contexto, a presidente trouxe um fato que expõe situações interessantes e que marcam questões realacionadas à igualdade de gênero dentro do empreendimento:

Teve um evento que foi o primeiro que a gente fez maior e que mobilizou mais a comunidade portuense. E aí eu percebi que houve um estresse muito grande, entre um homem e uma mulher artesã. Pelo homem se fazer de ‘corpo mole’ enquanto as mulheres

⁶ Brenda Taís Callife de Assunção – Artesã-associada e presidente da Associação. Entrevista citada.

*estavam lá na dureza, pegando firme, tal, no estresse de fazer comida, de atender as pessoas, e de ser receptiva. Isso me marcou assim porque... com todas as funções que... Como somos um grupo pequeno, a gente pega várias funções né. E mesmo com tantas coisas assim, elas querendo ver o homem fazer a pouca coisa que ele não tava disposto. Então me marca muito, essa força que elas colocam no que elas estão acreditando. Eu vi elas acreditando naquele projeto, eu vi elas dando a força delas mesmo, seu tempo, seu suor, pra fazer a coisa acontecer bonito e elas gostariam de ver os homens fazendo a mesma coisa. E como eles são a minoria, eu acho que eles se sentem um pouco também desconfortáveis de se ver como a minoria... Então eu acho que eles se sentem mesmo perdidos assim... Sem saber o que fazer, que horas fazer e como fazer, porque normalmente, elas sabem o que fazer, como fazer e a que horas fazer, não tem muita indecisão, muita dúvida, assim, elas vão lá colocam a mão na massa e realizam.*⁷

Percebe-se no relato de Brenda, que essas mulheres encontram-se comprometidas na luta contra a desigualdade presente nas relações de gênero dentro do empreendimento, o que tende a ser um fator impulsionador para o seu empoderamento. Mas, para que isso aconteça, precisam enfrentar a quase todo momento, algum tipo de conflito.

Segundo Romano (2002, p. 12), por meio do empoderamento busca-se conscientemente quebrar, eliminar as relações de dominação, bem como combater a ordem naturalizada ou institucionalizada dessa dominação, seja de ordem pessoal ou grupal, econômica, política, cultural ou social, para assim construir relações e ordens mais justas e igualitárias. Ainda segundo ele, o empoderamento toma partido, compromete-se pelos/as oprimidos/as e em estar preparado para lidar quase todo o tempo com conflitos.

Observa-se ainda em seu relato, que o homem tende a reproduzir dentro do empreendimento, sua forma de se relacionar lá fora, e que esta forma muitas vezes contrapõe o campo ideológico da ES, que segundo FBES respeita os recortes de gênero, sendo organizações que valorizam o compartilhamento entre homens e mulheres.

Alcançar a equidade de gênero, segundo o documento do *World Economic Forum* (Lopes-Claros e Zahidi 2005, p. 5) é considerado um processo lento, visto que desafia uma das atitudes mais radicadas no ser humano, requer muitas mudanças, mais que em leis ou políticas estabelecidas, enfim, essa mudança deve estar

⁷ Brenda Taís Callife de Assunção – Artesã-associada e presidente da Associação. Entrevista citada.

nas práticas estabelecidas dentro da esfera doméstica, nas comunidades, bem como no processo de tomada de decisão.

Percebe-se que mesmo nessa associação, tendo em sua composição uma maioria de mulheres, existe ainda uma resistência quanto à participação das mulheres no exercício da liderança do empreendimento.

O exercício no desenvolvimento da liderança acontece como um fator impulsionador do empoderamento das mulheres, é o que se verifica ainda documento *World Economic Forum* (Lopes-Claros e Zahidi, 2005, p.10), através da abordagem “empoderamento político”, onde observa-se que a participação das mulheres vem acompanhada do direito à voz e à tomada de decisão, este torna-se sem dúvida, um fator importante para o seu empoderamento, tanto nas estruturas formais, quanto nas informais, como é o caso das mulheres que se encontram no âmbito da economia solidária e que têm buscado, cada vez mais, com uma participação mais efetiva, dividir esses espaços com os homens, bem como exercer a liderança.

Acontece que, na maioria das vezes, essas mulheres dividem suas atividades do empreendimento com as atividades do lar, e o que no início impulsionava, com o tempo vai se tornando um fator inibidor ao seu empoderamento. Essas mulheres líderes no empreendimento costumam confeccionar seu artesanato em casa, compatibilizando-os com seus afazeres domésticos, cuidados com filhos e esposos.

*Meu marido tá doente de câncer, vai completar dois anos agora do diagnóstico. E aí é o pior tipo de câncer, então ele precisa de muito repouso, e aí nisso eu tenho me ausentado, pra me dedicar... E é difícil, né. Normalmente, a gente vem pra as reuniões. Vem pra deixar alguma coisa. Até pra buscar dinheiro a gente não vem. Porque às vezes a gente não pode ficar vindo, não tem muito tempo pra vir não... E então é assim, quando vem melhorando... ocorre uma calma na vida, aí sobra um tempinho, depois a coisa fica pesada de novo. E aí há mais necessidade em casa, de permanecer. E aí a gente ausenta. E aí acaba sendo um vai e vem, na ausência e na presença.*⁸

Observa-se que as responsabilidades domésticas dessas mulheres são um dos fatores inibidores do empoderamento, visto que estas têm dificuldades em participar mais efetivamente das atividades da

⁸ Maria Auxiliadora Pereira da Silva – Artesã-associada. Entrevista realizada por Munique Daniela Maia de Oliveira, no dia 12 de abril de 2013, na Associação dos Artesãos.

associação, devido à grande quantidade de afazeres domésticos (cuidado com filhos, netos, esposos, lavar, passar, limpar a casa).

Além dessa questão, existe também a falta de apoio dos companheiros e da família, que também são considerados como fatores inibidores do empoderamento, visto que essas mulheres são muitas vezes questionadas em seus ambientes domésticos e até mesmo impedidas de realizarem suas atividades artesanais, é o que se percebe na fala da D. Maria Auxiliadora:

Ah não, sempre foi uma guerra! A guerra é constante ainda por causa do crochê. E na época ainda era terrível, porque quando era solteira não tinha problema, porque minha mãe não me criticava, não se opunha. Mas aí quando eu casei, aí ele criticava, escondia minhas agulhas, linhas, e ainda hoje. Mas é assim né, eles acham que a gente... mas é o machismo... tem que dar atenção pra eles. Mas também 37 anos, é uma vida. Hoje eles já tão bem educados, mas ainda criticam, porque não rende, porque não vende, porque as pessoas não valorizam e coisa e tal. Mas aí eu gosto, e não consigo deixar.⁹

A Associação dos Artesãos é um empreendimento que tem na sua composição uma maioria de associados/as idosos/as, e isso traz à tona outra questão, que relaciona-se às condições de uma saúde debilitada, muitas vezes ocasionada pela idade. E esta “ausência na presença” como disse D. Maria Auxiliadora, age como um fator inibidor ao empoderamento dessas mulheres, visto que elas já não têm uma produtividade suficiente, devido à idade, para manter um bom estoque na associação, que é o que se percebe na fala de Brenda.

Um ponto negativo, eu acho que é mais a questão assim de, que não é nem delas, é uma questão assim, que foge mesmo do controle, que são as condições de vida mesmo. Não tem como elas se manterem no artesanato, muitas já tão, com, com... Passando por problemas de saúde, então, elas se afastam mesmo por causa disso, ou por causa dos seus esposos, por causa dos seus filhos, tudo relacionado à questão financeira, tudo relacionado mesmo, à questão familiar, sabe.¹⁰

A produção do artesanato nesse EES não tem dado retorno financeiro suficiente para essas mulheres, o que difere da produção do artesanato com o capim dourado, na região do Jalapão. Segundo Sousa (2012 p. 77) este produto tem se tornado o meio mais forte para

obter renda para as mulheres e suprir as necessidades básicas de suas famílias. Ainda segundo a autora, a produção do capim dourado pode significar um meio financeiro seguro, bem como ser uma base para se tornarem mais independentes, visto que é nessa perspectiva que passam a adquirir certa autonomia, por contribuírem com as despesas em suas casas.

A situação das mulheres da Associação dos Artesãos de Porto Nacional é bem diferente, visto que elas não alcançaram uma independência financeira proporcionada pelo artesanato, necessitando assim, buscar outros meios para a sobrevivência, conforme se observa no relato abaixo:

É a questão realmente financeira, a gente não tem como se manter com a venda do artesanato, até porque se a gente tivesse que depender da venda do artesanato, a maioria... E é justamente por isso que as pessoas seguem outras profissões, vão lavar uma roupa, vão fazer outras coisas pra poder garantir um dinheiro que o artesanato não tá dando. E aí é isso que eu acho que dispersa um pouco o foco, a gente não tem uma política, não temos gestores que apoiam a nossa atividade, sabe... Elas são mães, elas têm que trabalhar, elas têm que sustentar a família, tem uma série de coisas assim, que impedem que elas se mantenham no artesanato por não ter boas condições de trabalho.¹¹

Observa-se que a realidade da não produção de uma renda suficiente tende a impedir que estas mulheres permaneçam desempenhando suas atividades no empreendimento, porém, verifica-se que nem sempre foi assim, pois em algumas épocas essas mulheres tinham na produção do artesanato uma boa ajuda nas despesas da casa, conforme se pode observar no relato de D. Maria Auxiliadora:

Eu já tive vez de pagar água, luz, telefone. E você sabe, telefone a gente não paga só o que a gente... No fixo a gente não paga só que a gente consome, energia da mesma forma, Contribui significativamente. Se a gente tivesse, como ela disse o poder público, nos proporcionasse, nos valorizasse melhor, nos valorizasse realmente, eu creio que dava pra sobreviver dessa, dava pra sobreviver.¹²

Ao analisar as falas de D. Maria Auxiliadora e Brenda, logo acima expostas, um aspecto que deve ser ponderado é a participação do poder público como agente capaz de propiciar um ambiente favorável ao empoderamento; é importante ressaltar que o poder público foi citado por todas as mulheres no decorrer

⁹ Maria Auxiliadora Pereira da Silva – Artesã-associada. Entrevista

¹⁰ Brenda Taís Callife de Assunção – Artesã-associada e presidente da Associação. Entrevista citada.

¹¹ Brenda Taís Callife de Assunção – Artesã-associada e presidente da Associação. Entrevista citada.

¹² Maria Auxiliadora Pereira da Silva – Artesã-associada. Entrevista

das entrevistas, o que mais adiante será discutido como um fator externo importante ao empoderamento destas.

Mesmo com essas dificuldades, verifica-se que a produção do artesanato é cheio de significados nas histórias de vida dessas mulheres, e que transpõem questões financeiras. É o que se observa nos depoimentos que se seguem:

Eu aprendi a fazer crochê sozinha, com sete anos de idade, lembra que tinha.... Você não conheceu, mas você conheceu umas, a gente chamava grampina de cabelo, umas presilhas, e aí a mãe tinha uns grandões assim, e eu abri amassei a ponta, e fiz sozinha, a agulha de crochê. Porque na época, a gente não podia aproximar do idoso, da idosa pra pedir pra ensinar. E aí eu só via ela fazendo assim [as mãos pra cima e pra baixo] e aí produzia o produto. Aí eu imaginei, que tinha que ter um gancho na ponta daquele espeto, e aí eu fiz e deu certo, e eu aprendi... Como gosto de crochê, meu Deus do céu! Eu acho que eu copio qualquer amostra, ainda eu não tive, não teve uma amostra que eu não conseguisse copiar.¹³

Amo. (rsrs) Adoro o meu trabalho. Faço de tudo, tricô, bordado, crochê, ponto cruz, gosto muito de ponto cruz. E qualquer outro ponto na mão eu faço¹⁴

A participação das mulheres em uma esfera econômica deve ser vista como uma medida importante para aumentar a renda familiar (Lopes-Claros e Zahidi 2005, p.7), e isso deve ser visto como um fator impulsionador do empoderamento. Na associação dos Artesãos, essa realidade ainda se encontra um pouco distante, conforme já foi relatado e a ausência de uma renda suficiente pode ser um fator desacelerador do seu processo de empoderamento.

2.3 O processo de empoderamento das mulheres na Associação dos Artesãos de Porto Nacional

Os EES não são apenas uma fonte de geração de trabalho e renda, segundo Gaiger (2007), é um instrumento no fortalecimento de indivíduos ou grupos com capacidade de ação, ou seja, uma participação efetiva e democrática. Quando existe a união em torno de objetivos comuns, como é o caso dessas mulheres, acompanhados pela solidariedade, coragem e vontade de mudar a própria vida, estes se tornam instrumentos mais eficazes e abrangentes na luta pela dignidade e emancipação social.

¹³ Maria Auxiliadora Pereira da Silva – Artesã-associada. Entrevista citada.

¹⁴ Pedrina dos Santos – Artesã-associada. Entrevista citada.

Segundo Deere e León (2002, p. 54), o termo empoderamento aponta para o conceito de poder, enquanto relação social, podendo condicionar às mulheres um sentido duplo, em determinado momento ser fonte de opressão, quando for objeto de abuso, e em outros, fonte de emancipação quando disposto em seu uso. Essas relações podem significar dominação, ser um mecanismo de resistência ou tomada de poder. E nesse sentido, torna-se importante permitir a construção de outras formas de poder para o conceito de empoderamento, bem como compreender as propriedades do “poder para”, “poder com” e “poder dentro de”.

Ainda de acordo com as autoras, o “poder para” serve para catalisar a mudança, é um poder criativo, que abre possibilidades e ações sem dominação. Este se relaciona com o “poder com”, pois permite que o poder seja compartilhado. Isso pode ser observado quando é gerada uma solução coletiva para um problema que é comum, que é o que revela o depoimento de Eldiza:

Mas a gente tá aí, mas a gente corre atrás de várias coisas, atrás, pra fazer os associados vender os seus produtos, e desenvolver também, pedir pra eles fazerem mais coisas. Pra tá sempre trazendo produtos pra associação. Pra tá participando dos eventos, é, enfim, né, a gente tá sempre atrás de todo mundo e sempre incentivando e pedindo pra eles mudar de vida né. E trabalhar! Fazer bastante artesanato e colocar pra vender. [...] Por parte dos próprios artesãos, que eles parecem assim que não confiam muito, né. Não são todos, é claro né. Mas alguns parecem que não confiam muito no que eles fazem, sabe. Querem viver só naquele mundinho fechado. Não pensam, não tem um futuro melhor pra desenvolver, pra pensar assim, pôxa, eu não quero trabalhar só pra minha subsistência, eu quero, eu preciso fazer um curso de capacitação, eu preciso ir pra uma feira fora pra vender e etc... Eu não gosto de ficar parada, e eu gosto de fazer essas coisas. Gosto de participar, gosto de ajudar as pessoas, sabe. Gosto de querer ver as pessoas melhor.¹⁵

Percebe-se nesse relato, que D. Eldiza está sempre disposta a buscar melhorias para o grupo, e que mesmo diante das dificuldades, sempre tenta estimular os/as associados/as a produzirem mais, a acreditarem mais neles/as. A artesã mostra com essa atitude uma conexão entre “poder para” e o “poder com”, pois ao buscar essa melhoria, vai conseguindo incentivar as pessoas e ajudá-los/as a transformarem suas vidas, e tudo isso com a participação deles/as.

¹⁵ Eldiza Gomes Matos – Artesã-associada. Entrevista realizada por Munique Daniela Maia de Oliveira, no dia 12 de abril de 2013, na Associação dos Artesãos.

Outra forma de poder trazida pelas autoras é “poder de dentro” ou “poder interior”, que está intimamente relacionado ao poder que vem de dentro da pessoa, à sua autoestima, esse poder pode aparecer no momento em que alguém resiste ao poder de outros, em que recusa imposições indesejadas.

Esse “poder interior”, mostra que a participação nas atividades dentro e fora do empreendimento proporciona mudanças significativas na vida dessas mulheres e que, por meio dessa participação, seja em reuniões, fóruns ou encontros, essas mulheres conquistam uma maior autoestima, porque aprendem mais sobre os produtos, porque acreditam estar passando por um processo de transformação, que se dá por meio do conhecimento.

*A gente sente bem melhor né. Você sente que, porque a melhor coisa para o ser humano é você ter novos conhecimentos. Você vê que a vida toda você tem o conhecimento é claro né, desde que você queira, que você participa. Então pra mim foi ótimo, cada dia que passa a gente tem mais conhecimento, principalmente, porque você participa de fórum, de encontro, de tudo, aí você com certeza, adquire novos conhecimentos. Eu vejo que, antes eu tinha menos conhecimento e não via muito as coisas, né. Principalmente na área dos produtos, porque você passa a conhecer todos os produtos, porque tá aqui na associação. E depois é claro, o que já falei né, mudou minha vida, assim pra melhor, em relação ao conhecimento, em relação a participar, que também é uma coisa muito importante, que é a participação.*¹⁶

*Toda a experiência que a gente adquire, a gente vê uma mudança, a gente usufrui daquela experiência. Se dado dia a gente... ah eu vi isso aqui, aprendi com a D. Romoalda, aprendi com a D. Benedita, ah eu vi a Ana ensinando isso. Então, tudo é interessante, então, há diferença sim. A gente pode até não sentar pra recapitular, mas a na medida da necessidade, a gente vê que tem diferença.*¹⁷

Ao analisar a participação dessas mulheres no EES, percebe-se que elas, líderes ou artesãs, encontram-se em articulação constante, promovendo a troca de experiências e acessando novos conhecimentos, sempre atentas a novas possibilidades que sejam capazes de fortalecer suas capacidades individuais, bem como melhorar as atividades laborais do artesanato.

Essas experiências trazem uma série de ressignificações, as quais podem se revelar como um divisor importante para a história dessas mulheres, pois ao trabalharem juntas, de forma autogestionária, em

meio à cooperação e solidariedade, unidas em torno de um objetivo comum, conseguem perceber outras realidades, e quem sabe até se propor a encontrar novas alternativas para a ordenação de suas vidas.

*A associação contribuiu muito, eu é que não... Me faltou apoio de família, se eu tivesse tido apoio de minha família, modéstia a parte com a inteligência que eu tenho, assim, a disposição pra dedicação que eu tenho... Eu estaria aqui, bem situada, sem a necessidade de estar sendo subestimada em um emprego público. Só porque eu sou concursada, porque se eu não fosse concursada, eu estaria desempregada. Talvez até estivesse melhor, porque eu expresso o que eu sinto, o que eu penso, porque eu sou obrigada a sentir o que eu expresso, e eu teria sido mandada embora. Eu só tô no emprego, porque sou concursada. E se... a associação teria me subsidiado a sobreviver, com dignidade, com requinte, com qualidade de vida, e sem sentir saudade... do trabalho formal, pelo que eu vejo, pelo que eu tive oportunidade de viver.*¹⁸

Conclui-se então, que essas dispõem tanto de fatores impulsionadores como inibidores, e que dentre os fatores inibidores, a falta de apoio do poder público é considerada basilar, e que certamente, por meio dele, poderia ser criado um ambiente favorável ao empoderamentos dessas mulheres, como já exposto; foi o que se percebeu na fala de todas as entrevistadas.

*Por isso é que eu digo assim também, se os governantes, o poder público, na verdade é o governante, porque o poder público tá lá dizendo, esse e esse direito, em favor dessa e essa categoria. Então, eu não atribuo ao poder público, isso é o governante, porque eles é que arbitram prejudicialmente contra a sociedade. Se o governante nos valorizasse, aí haveria a compreensão do cônjuge, que isso também favorece, contribui com a renda familiar, né. Que isso também é ponto de geração de renda. Isso também, confere respeito à pessoa. E quem poderia proporcionar isso? Os governantes.*¹⁹

*Se tivesse mais incentivo, ajuda das autoridades, se fosse divulgado, se fosse em um local que todo mundo conhecesse.*²⁰

*É a falta de interesse dos governos que nós temos tido, eles aparentemente assim, na fala, eles elogiam muito o artesanato, os artesãos, homenageiam, mas na prática eles não colaboram. Então há muito tempo que a gente vem tentando conseguir recursos pra melhorar a associação, pra fazer cursos, e é muito difícil, muito difícil.*²¹

Nesse sentido, segundo Romano (2002, p. 12) o empoderamento não é algo que pode ser feito e entregue a outra pessoa, porém os agentes de mudança

¹⁸ Maria Auxiliadora (entrevista citada)

¹⁹ Maria Auxiliadora (entrevista citada)

²⁰ Pedrina dos Santos (entrevista citada)

²¹ Heloísa Lotufo Manzano - Médica-associada. Entrevista realizada por Munique Daniela Maia de Oliveira, no dia 12 de abril de 2013, na Associação dos Artesãos.

¹⁶ Eldiza Gomes Matos (entrevista citada)

¹⁷ Maria Auxiliadora (entrevista citada)

externos podem ser importantes para iniciar um processo de catalisação, como já foi dito, podendo assim criar um ambiente favorável ao empoderamento, porém, para que aconteça a impulsão nesse processo, as pessoas e as organizações devem empoderar a si mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dessas mulheres na Associação dos Artesãos permitiu que elas se articulassem, o que possibilitou a troca de experiências. O trabalho desenvolvido com o artesanato, assim como o trabalho autogestionário tem auxiliado no enfrentamento diário de suas vidas na esfera doméstica, sendo assim um meio alternativo para compreender e até mesmo mudar as desigualdades estabelecidas no âmbito familiar.

Essa convivência tem contribuído com o desenvolvimento de suas capacidades individuais, como o aprimoramento em uma peça do artesanato, ou ainda um aprendizado relacionado à gestão do empreendimento, o que tem possibilitado entender mais acerca das atividades que são desempenhadas nos empreendimentos, não sendo apenas um movimento automático, mas reflexivo.

A Associação tem propiciado às mulheres um campo com uma diversidade de possibilidades, como o conhecimento acerca delas mesmas, na medida em que elas se veem como atores importantes neste espaço, com um papel definido, seja na confecção do artesanato em um dado momento, seja na gestão do empreendimento em um outro.

Esse campo da ES, no qual a Associação dos Artesãos está inserida tem proporcionado a essas mulheres conhecer uma verdade diferente da delas (encontros, debates, viagens em que estas tornam-se representantes oficiais e portadoras de uma realidade que só elas conhecem). Essa área composta pela solidariedade, autogestão, cooperação, precisa ainda ser dominada, mas certamente é um campo propício à presença de fatores impulsionadores do empoderamento. Porém, esse campo a ser dominado tem diferentes nuances para cada mulher participante da associação, enquanto existem aquelas que conseguiram compreender a importância da sua participação no empreendimento,

outras ainda não se sentem pertencentes, o que demonstra que cada uma dessas encontra-se em uma fase diferente no processo.

A participação no EES, (seja por meio das reuniões para discutir assuntos como eventos em que a associação vai participar ou realizar, ou assembleias para definir uma nova diretoria da associação, seja por meio das atividades diretamente relacionadas ao artesanato, como o crochê e a tecelagem, ou ainda nos ambientes externos ao empreendimento, como reuniões junto ao fórum de economia solidária) tem auxiliado essas mulheres no fortalecimento das relações estabelecidas dentro e fora do empreendimento, bem como a formarem uma nova rede de relações, ampliando assim a sua capacidade de relacionamento, o que certamente tem contribuído para exercerem um papel de liderança de forma mais tranquila, permitindo assim que estas melhorem a cada dia sua autoestima.

Essas articulações têm permitido conceber transformações repletas de significações, como o desenvolvimento da autoconfiança, alicerçada na troca de experiências e na solidariedade, assim como a força de exercerem de forma cada vez mais participativa o seu papel dentro do empreendimento, seja por meio da produção do artesanato ou do exercício da gestão. Quando estão juntas, essas mulheres se tornam capazes de promover mudanças nos ambientes de que fazem parte, como exemplos, sendo fontes inspiradoras umas das outras, melhorando-se enquanto mulheres, tendo dessa forma a possibilidade de estenderem tais melhorias às suas famílias, e essa participação pode assim demarcar a fronteira entre mulheres que antes passavam despercebidas, e hoje, têm lutas e ideais de vida.

Conclui-se que essas mulheres estão sempre buscando alternativas para atenuar as dificuldades vividas em seu cotidiano, e a entrada, seguida da participação na associação é resultado dessa busca, que pode ser capaz de possibilitar uma transformação social. Ao incorporarem os princípios da ES, essas mulheres conseguem organizar-se e efetivar-se no cumprimento desses princípios básicos, de forma a transpor expectativas em torno da sobrevivência, e fomentar iniciativas democráticas e ações conscientes e efetivas em busca de um bem comum, tornam-se naturalmente mulheres vivendo um processo de empoderamento.

O processo de empoderamento vivido por essas mulheres permite que disparidades relacionadas à igualdade de gênero sejam atenuadas. Com sua participação mais efetiva, seja no campo político ou social, compartilhando a esfera doméstica e pública, equilibradamente, essas mulheres tendem a contribuir mais efetivamente com o meio em que se encontram. A ES certamente é um campo totalmente propício ao empoderamento dessas mulheres, visto que se configura como um espaço composto por relações mais sólidas que, em seus princípios, preza o respeito às diferenças.

Ao tentar analisar o caminho percorrido por essas mulheres, foi possível perceber que estas ocupam um papel importante na Associação dos Artesãos de Porto Nacional, e que o seu processo de empoderamento tem acontecido, mesmo que de forma ainda embrionária. Essas mulheres têm vivido diariamente os contrários das esferas doméstica e pública, na medida em que avançam nas atividades do empreendimento e sentem dificuldades na continuidade dessas, pois as situações vivenciadas no ambiente doméstico (o cuidar da casa, do marido) se refletem diretamente no desenvolvimento pleno de suas atividades no empreendimento.

O estudo permite concluir que a ES tende a ser um caminho capaz de preencher as omissões da economia capitalista, sendo uma alternativa realizável àqueles que se encontram à margem dessa sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTEAG. **Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005-2007**. São Paulo: Todos os Bichos, 2009. 66p.

DALLER, V. L. O. **O Empoderamento da mulher e a igualdade de gênero**: coopergênero uma política pública de cooperativismo. Coletânea de artigos apresentados no I Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC). Brasília, p.1-17, 2010.

DEERE, C. D; LEÓN, M. **O empoderamento da mulher**: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2002. 501p.

FARIA, N. **Mulheres rurais na economia solidária**. 2008. Disponível em: <[http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/266/Mulheres%](http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/266/Mulheres%20Rurais%20na%20Economia%20Solid%C3%A1ria.pdf)

<<http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/266/Mulheres%20Rurais%20na%20Economia%20Solid%C3%A1ria.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2012.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES. **IV Plenária Nacional de Economia Solidária**: outra economia construindo outros desenvolvimentos – Relatório final. Brasília: FBES, 2008. 112 p.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES. **V Plenária Nacional de Economia Solidária**. Economia Solidária: bem viver, cooperação e autogestão para um desenvolvimento justo e sustentável – Documento síntese. Brasília: FBES, 2012. 69 p.

FEES-TO. **Relatório da Plenária Estadual Rumo a V Plenária Nacional de Economia Solidária**. 2012. Disponível em: <<http://www.fbes.org.br>>. Acesso em: 03 maio 2013.

FRANÇA FILHO, G. C. A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional. **Revista Sociedade & Estado**, Brasília, Departamento de Sociologia - UnB, v.14, n.1-2, p.243-75, jan./dez. 2001.

GAIGER, L. I. A economia solidária diante das desigualdades. **Revista Dados**, n. 3, v. 50, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582007000300003>. Acesso em: 10 abr. 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Contagem populacional**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/>> Acesso em: 08 ago. 2012.

LANG, A.B.S.G. História oral: procedimentos e possibilidades. In: _____. **Desafios da pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: CERU, 2001.

LOPES-CLAROS, A. P; ZAIHDI, J. P. WORLD ECONOMIC FORUM. **Empoderamento de mulheres**: avaliação das disparidades globais de gênero. Genebra, 2005. 29p.

MATOS, V. C. S. Um estudo histórico das relações de gênero e classe. **Revista multidisciplinar da Uniesp - Saber Acadêmico**, n. 07, p. 57-73, jun. 2009.

MARTELO, E. Z. **Microfinanzas y empoderamiento de las mujeres rurales**. Plaza y Valdés, México, 2003.

OLIVEIRA, J. P. de. **Mulheres na economia solidária**: possibilidade de reconhecimento e emancipação social. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5290>>. Acesso em: 20 de abril. 2013.

OLIVEIRA, M. de F. Um porto no sertão: cultura e cotidiano em Porto Nacional – 1880 a 1910 In: GIRALDIN, O. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. 2 ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004, p. 237-286.

PARENTE, T. G. Gênero e memória de mulheres desterritorializadas. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 99-111, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Temis%20Gomes.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

ROMANO, J. O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: ROMANO, J. O; ANTUNES, M. (Org.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002, p 30-51.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, n. 20, 1995. p. 71-99.

SCHNEIDER, E. C. As potencialidades da economia solidária na redução das desigualdades de gênero. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 23, p. 11-20, set.-dez. 2010.

SOUSA, A. T. de. **Gênero e empoderamento: um estudo a partir das associações do artesanato de capim dourado na região do Jalapão**. 2012, 102p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Fundação Universidade do Tocantins - UFT, Palmas – TO, 2012.

SOUZA, L. P. de; ALMEIDA, A. de O. **Associação dos artesãos e artífices de Porto Nacional: uma experiência de economia solidária**. 2012, 19p. (Artigo impresso cedido pelo autor).

THOMPSON, P. **A Voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 386 p.